

Codocência – o Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e o professor de Química

Coteaching – the Translator and Interpreter of Sign Language and the Teaching Chemistry

Eleandro Adir Philippsen

Universidade Estadual de Goiás (UEG-Formosa), Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPGEduC), Universidade de Brasília (UnB)
professoreleandro@gmail.com

Ricardo Gauche

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPGEduC), Universidade de Brasília (UnB)
ricardogauche@gmail.com

Patrícia Tuxi

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD), Universidade de Brasília (UnB)
ptuxiinterprete@gmail.com

Eduardo Felipe Felten

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), Instituto de Letras (IL), Universidade de Brasília (UnB)
eduardofelten.unb@gmail.com

Resumo

Pessoas Surdas têm enfrentado dificuldades em participar de atividades educacionais no âmbito formal do ensino de Química. Como proporcionar formação adequada aos futuros professores com vistas à Educação Inclusiva (EI) de estudantes Surdos? O objetivo deste trabalho foi o de investigar a interdependência Docente/Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) no contexto do ensino de Química, mais especificamente na formação de professores em uma perspectiva de codocência do TILS. Nesse sentido, foi elaborado um minicurso para oportunizar um espaço para discussão da temática da codocência como principal estratégia profissional com vistas à melhoria da Educação de Surdos (ES) em uma perspectiva de EI efetiva e concêntrica. Os resultados apontam para necessidade de oferecer, nas matrizes curriculares, outras disciplinas que contemplem as especificidades da EI e da ES. O texto faz parte de pesquisa desenvolvida nos âmbitos da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências com vistas à elaboração de tese de doutorado.

Palavras-chave: Educação de Surdos, Ensino de Química, Libras, Inclusão, Surdez.

Abstract

Deaf people have faced difficulties in participating in educational activities in the formal scope of teaching Chemistry. How to provide future chemistry teachers with adequate training for the Inclusive Education (EI) of Deaf students (ES)? The objective was to investigate the interdependence of Teaching/Translator and Interpreter of Sign Language (TILS) in the context of teaching Chemistry, more specifically in the training of teachers in a perspective of TILS coteaching. In this sense, a mini-course was developed to provide a space for discussion of the theme, specifically coteaching, as the main professional strategy aimed at improving the education of the deaf in an perspective of inclusive and effective inclusive education. The results point to the need to offer, in the curricular matrices, other disciplines that contemplate the specificities of EI and ES. The text is part of a research developed in the areas of the Pro-Rectory of Research and Post-Graduation and Post-Graduate Program with a view to the elaboration of a doctoral thesis.

Keywords: Deaf Education, Teaching Chemistry, Libras, Inclusion, Deafness.

Introdução

O Decreto n.º 5.626/2005 é o documento que regulamenta a Lei n.º 10.436/2002 (BRASIL, 2002), conhecida como Lei da Libras. No Art. 2.º, “[...] considera-se pessoa surda aquela que, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Libras” (BRASIL, 2005, p. 1). Na mesma página, o Art. 3.º, diz que: “A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério”. E, ainda, para favorecer a comunicação entre pessoas Surdas¹ e não-Surdas existe a figura do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) que de acordo com o Decreto deve estar presente nos espaços escolares porque é direito do estudante Surdo.

A formação profissional de um TILS é objeto de discussão e de estudo devido a sua complexidade e suas diferentes formas de atuação. No entanto os cursos formação não têm preparado o TILS para atuação em áreas específicas no campo das Ciências, a exemplo da Química. Os obstáculos são muitos devido à natureza da linguagem científica, que constitui a área, o que resulta em uma enorme carência de sinais-termo² no processo de tradução e de interpretação.

A problemática estabelecida neste processo decorre, principalmente, da falta de sinais-termo, em Libras, específicos para Química e uma melhor compreensão sobre a interdependência docente/TILS, o que inclui a carência de TILS com formação específica em Química. E, em se tratando de cursos de formação de professores de Química, torna-se evidente a necessidade e desenvolvimento de novas pesquisas na área com vistas à formação de docentes capacitados.

Defendemos que esses profissionais, que venham a trabalhar nas escolas, na Educação Básica

¹ Tal qual como foi feito em Castro Júnior (2011), utilizaremos as denominações Surda e Surdo, com letra maiúscula, como formas estratégicas de empoderamento por reconhecermos o Surdo “com suas especificidades e sua identidade vivenciadas nos artefatos culturais (p. 12), por meio das manifestações da Libras. Além de ser uma visão social de posição e divulgação das pessoas Surdas enquanto cidadãos que lutam por seus direitos políticos, culturais, linguísticos, educacionais entre outros, para que sejam respeitadas suas manifestações por meio da Libras e, finalmente, uma inclusão efetiva e conceitual.

² Faulstich (2012) apresentou, em uma nota lexical, o “sinal-termo”, que seria mais apropriado, em se tratando de conceitos, símbolos ou fórmulas, usados em áreas específicas de conhecimento, como é o caso da Química.

(EB), possuam formação em nível superior no âmbito da licenciatura e que, além dos pré-requisitos e especificidade da Libras, eles tenham formação nas áreas de conhecimento atualmente percebidas no Brasil: Linguagens, Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza.

Considerando os aspectos supracitados e pensando na formação docente, como proporcionar aos futuros professores de Química formação adequada com vistas à Educação Inclusiva (EI) efetiva e conceitual de estudantes Surdos? Em que medida a formação específica em Química contribui para a efetiva codocência³ do TILS e como a licenciatura pode incluir essa perspectiva em sua proposta curricular?

O presente trabalho teve como principal objetivo investigar a interdependência docente/TILS no contexto do ensino de Química, mais especificamente na formação de professores de Química em uma perspectiva de codocência do TILS. Nesse sentido, foi elaborado um minicurso para oportunizar um espaço para discussão da temática, especificamente a codocência, como principal estratégia profissional com vistas à melhoria da ES em uma perspectiva de EI efetiva e conceitual. O texto apresenta os resultados de uma investigação que faz parte de pesquisa desenvolvida nos âmbitos da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências com vistas à elaboração de tese de doutorado.

O que é Codocência?

No que se refere ao papel dos TILS, existem diferenças na atuação desses profissionais no âmbito escolar. Os TILS podem trabalhar de duas maneiras: bidocência e/ou codocência. A diferença é que a bidocência pode ser entendida como a atuação de dois profissionais que ocupam um mesmo espaço e a codocência – mais eficaz – ocorre quando os profissionais desempenham seus papéis mutuamente, compartilhando planejamentos, avaliações etc. (KELMAN, 2008; KELMAN; TUXI, 2011).

Sendo assim, podemos direcionar nossos esforços para codocência apresentadas por Kelman e Tuxi (2011). Para elas, “[...] a codocência é entendida como trabalho mútuo, compartilhado, no qual planejamentos e avaliações – enfim, grande parte das atividades desenvolvidas no ambiente educacional – são compartilhados.” (p. 96). Cabe destacar que a codocência vai além da presença de dois professores em sala de aula. Sua proposta busca desenvolver ações conjuntas de elaboração, estratégias e planejamento que estabeleça um ambiente adequado à educação de todos os estudantes respeitando seus limites e a diversidade, evitando inclusive a separação de papéis quando cada um “cuida dos seus alunos” (SILVA; KELMAN; SALLES, 2011).

Caminhos Trilhados, Delineamento Metodológico e Análise

Elaboramos um minicurso para oportunizar a discussão da temática supracitada, mais especificamente a codocência como principal estratégia profissional e modalidade de serviço com vistas à melhoria da ES em uma perspectiva de EI efetiva e conceitual. O minicurso foi oferecido com carga horária de quatro horas e dividido em duas seções. Na oportunidade, dez

³ O termo co-docência originalmente foi grafado por Kelman (2005). Pensando no aspecto conceitual do termo para este trabalho há, então, uma visão de percepção do TILS e do professor em uma relação de codocência em que não é um, corresponsabilidade do outro, mas sim, uma parceria. Utilizaremos, portanto o termo sem o hífen: codocência.

pessoas participaram da investigação.

Durante a primeira parte foram apresentados os fundamentos teórico-metodológicos da temática, com utilização de recursos audiovisuais e apresentação dialogada. Na segunda parte, foram apresentadas situações-problema, sobre as quais os participantes foram convidados a discutir. Foram utilizados instrumentos para geração de novas informações, incluindo gravação de áudio e questionários pré-teste e pós-teste, conforme o Quadro 1, a seguir.

Itens para o questionário PRÉ-TESTE	Itens para o questionário PÓS-TESTE
1. Trabalha(ou) com Educação Inclusiva e/ou educação de Surdos? Como é(foi) o seu trabalho?	1. O que você pensa/entende por Educação Inclusiva e/ou educação de Surdos?
2. Como se dá a relação entre o Professor e o Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) nas salas de aula? Como você pensa que deveria ser?	2. Como se dá a relação entre o Professor e o Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) nas salas de aula? Como você pensa que deveria ser?
3. O que você sabe ou o que você pensa sobre Codocência?	3. O que você sabe ou o que você pensa sobre Codocência?
4. Como a licenciatura em Química pode contribuir para melhoria da qualidade da educação de Surdos?	4. Como a licenciatura em Química pode contribuir para melhoria da qualidade da educação de Surdos?
5. Por que se inscreveu no minicurso? Quais são suas expectativas?	5. Escreva sua opinião (sincera) sobre o que você achou do minicurso.

Quadro 1: itens pré-teste e pós-teste

O minicurso pôde oferecer acesso aos conhecimentos sobre: Língua de Sinais; Linguagem Científica; TILS; Ensino de Ciências e Inclusão; Interdependência Docente/TILS (Codocência); e Conceitos Científicos. Foram apresentadas as configurações básicas de uma disciplina intitulada de **Intérprete e Codocência**⁴, cujo o oferecimento teve como finalidade aproximar licenciandos em Química dos principais atores envolvidos diretamente na ES, ou seja, professores de Química e TILS da EB, mais especificamente de escolas e/ou colégios vinculados(as) as Secretarias e Subsecretaria de Estado da Educação da Cidade, incluindo os estudantes Surdos.

Alguns participantes acreditam que a melhor forma de compreender mais sobre a EI e a ES é oferecida pela disciplina de Libras, obrigatória conforme o Decreto n.º 5.626/2005. Destacamos que essa disciplina oferece apenas um contato mínimo com a Língua de Sinais e aspectos muito abrangentes sobre a Cultura Surda mas, não contempla as especificidades requeridas no ensino de Ciências, a exemplo da preparação e da formação do professor para a interdependência docente/TILS. Faz-se necessário oferecer nas matrizes curriculares outras disciplinas para que sejam contempladas as especificidades supraditas.

Ainda, sobre a EI e a ES, a maioria respondeu a primeira pergunta com a palavra: não. Mas, ao serem questionados sobre o que pensam, a maioria das respostas continham termos que expressavam um pensamento de que a EI: “deve ocorrer por inteiro”, “é aquela que é acessível e alcança a todos”, “respeitando as limitações e dificuldades de todos”, “para formação humana”, “garantir o direito de igualdade”, “baseada na não exclusão”, “todos devem ser tratados de maneiras iguais”. Essas respostas refletem uma forma de entendimento bastante apropriada para a EI.

Em se tratando da segunda questão, no pré-teste, pudemos identificar respostas variadas, associadas ao senso comum e a situações de conflito, mas se aproximando da ideia de um trabalho conjunto entre o TILS e o docente a exemplo da seguinte resposta: “É uma relação conflitante. Poderia ser uma relação planejada, discutida e de respeito, envolvendo muito estudo e parceria.”. No pós-teste, a resposta dela foi a seguinte: “na maioria das vezes os professores

⁴ Esta disciplina foi oferecida no ano de 2017 em um curso de licenciatura em Química e tem sido objeto de pesquisa e está vinculada a elaboração de tese de doutorado do primeiro autor.

e os TILS não possuem uma interação que proporcione a aprendizagem efetiva dos Surdos. Deveria ter uma interação e um planejamento do processo ensino-aprendizagem.”

Ainda em relação a segunda questão, há uma resposta que nos chamou a atenção porque colabora não só como resultado positivo do minicurso, mas também, como defesa nos processos formativos tanto do professor quanto do TILS. A resposta é a seguinte: “Eu não tinha informações sobre como era esta relação até este [mini]curso. Mas eu já pensava que a formação do TILS na área da disciplina que ele interpreta era importante. Agora compreendi que é de extrema importância que o TILS tenha formação e/ou conhecimentos sólidos na área. Além disso, o TILS deve ser corresponsável pela disciplina e o professor deve fazer o planejamento junto com o TILS para que as aulas contemplem a uma EI”.

Em se tratando da codocência, uma resposta nos chamou a atenção porque a participante pensou que codocência consiste na “docência simultânea em duas áreas, no caso do minicurso, penso que seja um professor de Química que leciona em língua de sinais”. Lecionar em Língua de Sinais ocorre em escolas bilíngues que possuem o Português escrito como segunda língua. Cabe destacar que muitos professores não-Surdos têm se especializado no uso da Libras com vistas a oferecer tradução simultânea em suas aulas. Isso se configura em uma atitude inaceitável, visto que “o ouvinte que fala e sinaliza ao mesmo tempo irá priorizar a sua língua materna [...] isso certamente ocasionará dificuldades na compreensão da informação pelos surdos” (FELTRINI; GAUCHE, 2011, p. 21).

Ainda, em relação a codocência, no pós-teste, todas as respostas apontaram para a ideia de um trabalho conjunto, coletivo e mútuo entre o docente e o TILS. Dois exemplos de respostas caracterizam isso e estão descritos a seguir: “Trabalho conjunto entre professor e o TILS, trabalhando juntos, um com o auxílio do outro visando o melhor aprendizado dos alunos”. “A codocência perpassa por um trabalho colaborativo, de atuação ativa entre os envolvidos, de modo que planejar, avaliar e executar estejam sintonizados num mesmo objetivo de aprendizagem.” Destaco que ambas as respostas apontam para benefício esperado por Kelman (2010) da codocência: “melhor aprendizado do aluno surdo” (p. 150).

Em se tratando de como as licenciaturas podem contribuir para melhoria da qualidade da ES, destacamos uma resposta que corrobora nossos argumentos em favor do oferecimento de disciplinas mais específicas para tratar da discussão da EI, a exemplo da disciplina **Intérprete e Codocência**. Sobre a questão quatro, um dos participantes respondeu o seguinte no pré-teste: “Quando nos cursos de licenciatura em Química ocorrem atividades práticas, e saírem apenas da disciplina obrigatória das ementas dos cursos creio que podemos avançar na discussão e na inclusão tanto no ensino básico quanto no superior.” No pós-teste: “A partir do momento em que os cursos se voltarem para a realidade de que os licenciandos poderão encarar diversas situações abrangendo além da disciplina de LIBRAS, mas possibilitando uma formação mais humana”.

De maneira geral, os participantes procuram responder dizendo que os cursos de licenciatura precisam ser redesenhados ou que as aulas precisam contemplar novos aspectos para atender as necessidades atuais e as mudanças que têm ocorrido no âmbito da EI e da ES. Uma outra resposta, no pós-teste, que expressa nosso anseio é a seguinte: “o cuidado com a formação de professores no sentido de orientá-los da melhor forma possível (nova disciplina, ex.) contribui para a melhoria da qualidade da educação de Surdos e do ensino de química”.

Quanto as intenções em se inscrever no minicurso, boa parte dos participantes se referiram a ideia de aprender mais sobre a temática, conhecer os pesquisadores na área ou, ainda, “saber qual o contexto da educação de Surdos na área de Química atualmente”. No entanto o que mais nos chamou a atenção foi que, a maioria, vêm de experiências ou contato inicial com a temática por meio da disciplina de Libras e nas palavras deles procuram dizer que estavam em busca de

um aprofundamento ou que estavam em busca de um aprofundamento devido a especificidade da Química. Para nós, isso se configurou como um outro argumento em favor do redesenho de matrizes curriculares ou a introdução de disciplinas que contemplem essas especificidades e proporcione uma formação mais adequada, além da disciplina de Libras, para os futuros professores de Química.

Além disso é possível que com essas incursões, de disciplinas impregnadas de especificidades, nossos futuros professores de Química sejam estimulados a serem eles os TILS, contribuindo para ES e sobre maneira assumindo o papel de especialistas de área na condução de trabalhos que tenham como resultados a elaboração de sinais-termo, específicos para Química tão carente no atual cenário. Sobre isso, uma das participantes escreveu: “Tive uma experiência marcante de uma disciplina obrigatória na minha grade, me identifiquei e gostei muito da disciplina e pretendo me formar e fazer uma pós-graduação em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais”.

Para finalizar, deixo aqui a expressão escrita de um dos participantes sobre o achou do minicurso: “Gostei muito, pois com o que foi passado pude aprender e tirar muitas dúvidas que ficaram a partir de uma disciplina obrigatória da nossa grade curricular mas que, no meu ponto de vista, precisa ser melhorada e também ser vista com mais especificidades para todos”. A disciplina obrigatória a que ela se refere é a de Libras.

Entendemos que ainda há muito a ser feito, pesquisado e trabalhado. O minicurso se configurou em uma oportunidade para discussão da temática e acreditamos que seja possível avançar na compreensão e na melhoria da ES em uma perspectiva de EI efetiva e conceitual se mantivermos o foco na interdependência docente/TILS e na codocência.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 22 dez. 2018.

BRASIL. **Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 22 dez. 2018.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico.** 2011, 123 f. il. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/8859>. Acesso em: 22 dez. 2018.

FAULSTICH, E. **Nota Lexical: SINAL-TERMO.** Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm: UnB, Brasília, 2012. Disponível em:

<http://www.centrolexterm.com.br/notas-lexicais>. Acesso em: 22 dez. 2018.

FELTRINI, G. M.; GAUCHE, R. O Ensino de Ciências no Contexto da Educação de Surdos. In: SALLES, P. S. B. de A.; GAUCHE, R. (Org.). **Educação Científica, inclusão social e acessibilidade.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2011.

KELMAN, C. A. **Os diferentes papéis do professor intérprete.** Revista Espaço (INES), v.24, p. 25-30, 2005.

KELMAN, C. A. O intérprete educacional: quem é? O que faz? In: ALMEIDA, M. A.;

MENDES, E. G. HAYASHI. **Temas em educação especial:** deficiências sensoriais e deficiência mental. Araraquara: Junqueira & Martins, 2008.

KELMAN, C. A. A pessoa com surdez na escola. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Org.) **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.** 2. Ed. Brasília: Editora UnB, 2010.

KELMAN, C. A.; TUXI, P. Intérprete Educacional ou Professor? A atuação profissional do intérprete da língua de sinais no ensino de Ciências. In: SALLES, P. S. B. de A.; GAUCHE, R. (Org.). **Educação Científica, inclusão social e acessibilidade.** Goiânia: Cênone Editorial, 2011.

SILVA, R. C. J.; KELMAN, C. A.; SALLES, H. M. M. L. Formação de Professores na educação dos surdos. In: SALLES, P. S. B. de A.; GAUCHE, R. (Org.). **Educação Científica, inclusão social e acessibilidade.** Goiânia: Cênone Editorial, 2011.